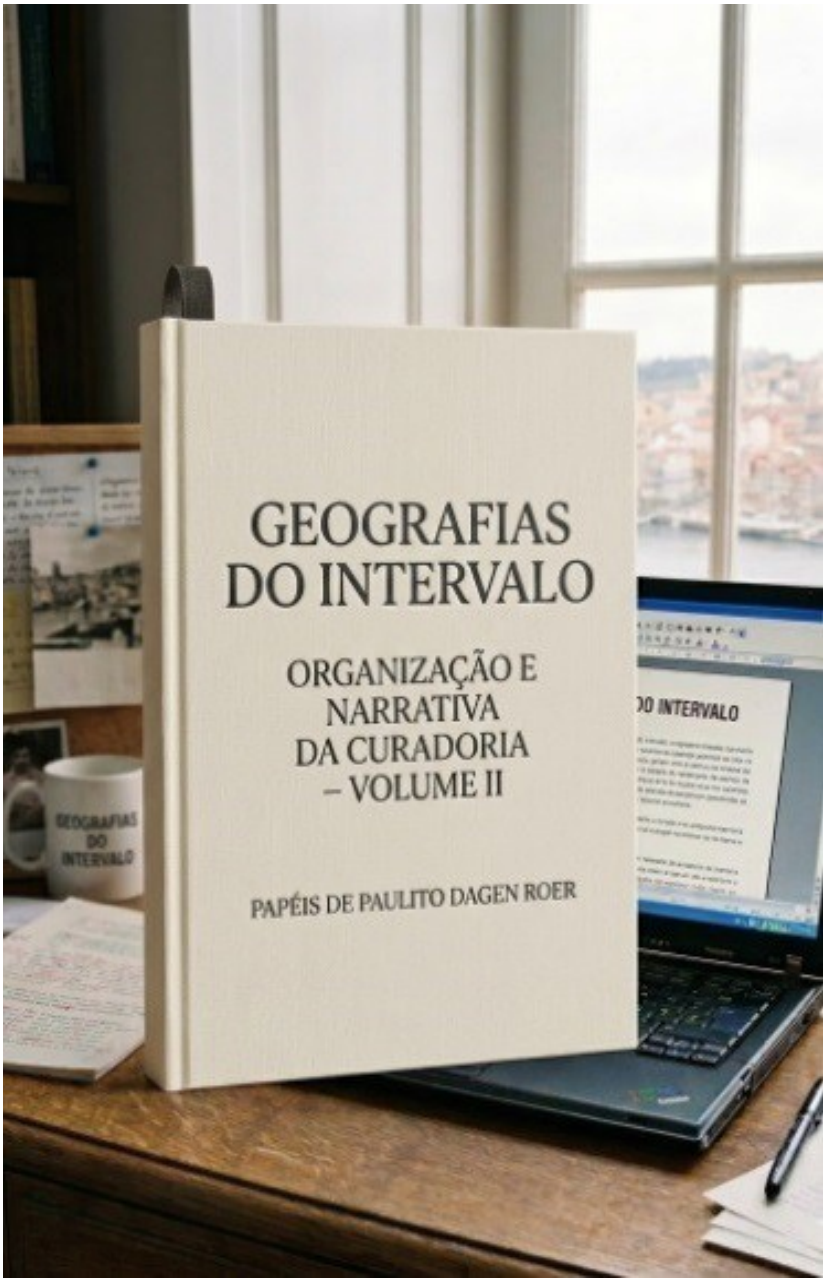

GEOGRAFIAS
DO INTERVALO
ORGANIZAÇÃO E
NARRATIVA
DA CURADORIA
– VOLUME II
PAPÉIS DE PAULITO DAGEN ROER
GEOGRAFIAS
DO
INTERVALO
O INTERVALO

Geografias do Intervalo

Papéis de Paulito Dagen Roer

ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORA
VOLUME I I

2026

SUMÁRIO

Nota da Curadora:
O Arquivo das Erradicações

- *Prólogo:*
  O Primeiro Passo Fora do Mapa
- *Módulo I: Os Desvios do*
  Caminho ..... Págs. 1-10

I. O Meio-Fio
II. A Estação de Transbordo
III. A Faixa de Pedestres Apagada
IV. O Ponto Cego do Retrovisor

- *Módulo II: Cartografias do Invisível ... Págs. 11-20*

V. O Mapa Dobrado na Gaveta
VI. O Terreno Baldio entre Dois Prédios
VII. A Linha do Horizonte Vista da Janela do Ônibus
VIII. O Eco sob o Viaduto

- *Módulo III: A Duração do Instante .....Págs. 21-30*

IX. O Segundo Antes do Despertador
X. A Luz Amarela do Semáforo
XI. O Gelo que Derrete no Copo de Vidro
XII. A Espera na Sala de Desembarque

- *Módulo IV: As Formas doVazio ..... Págs. 31-36*

XIII. O Espaço entre Dois Corpos no Elevador
XIV. O Recorte da Parede Onde Havia um Quadro
Epílogo: A Utopia doDestino ..... Págs. 37

NOTA DA CURADORA: O ARQUIVO DAS ERRADICAÇÕES

Os textos deste segundo volume pertencem à pasta de errâncias de Paulito Dagen Roer. Se no inventário anterior catalogueі a fixação estática de Roer pelas coisas secas e ossudas, aqui me deparei com um arquivo que se move. Ele habita as frestas do trânsito da cidade e os hiatos temporais onde nada parece acontecer, mas tudo se desmancha.

A escrita de Roer perde a rigidez do objeto e ganha a fluidez crua do asfalto. Minha função como Curadora e Narradora foi manter a precisão geométrica das frases, impedindo que o transeunte caísse no sentimentalismo das distâncias.

Este não é um guia de viagens; é um atlas das pausas. Se um caminho não contiver a possibilidade do erro e do desvio, ele não merece ser traçado.
— A Curadora.

PRÓLOGO: O PRIMEIRO PASSO FORA DO MAPA

Entre as anotações cartográficas de Paulito Dagen Roer, encontrei uma margem de folha rabiscada com lápis duro: "O mapa da cidade mente. Ele finge que uma rua se liga à outra de forma lógica, ignorando que entre o número 42 e o número 44 pode existir uma eternidade de desatenção."

Como curadora, entendi que o intervalo não é a ausência de espaço; é o lugar exato onde a geografia falha e a poesia ganha corpo.

Observar os caminhos percorridos sob a ótica de Roer exige da leitora abandonar a pressa do destino final. O verdadeiro caminhante não busca o fim da avenida; ele persegue o milésimo de segundo em que o pé esquerdo perde o contato com a calçada e o pé direito ainda não pousou. O livro começa aqui, no meio desse passo suspenso.

MÓDULO I: OS DESVIOS DO CAMINHO

I. O Meio-Fio

A fronteira de concreto que separa o pneu do sapato. O meio-fio é a linha que organiza o caos da velocidade contra a lentidão do pedestre.

Caminhar equilibrando-se sobre ele é um exercício de infância que os adultos esqueceram. Ali, o corpo experimenta a iminência da queda: de um lado o motor que ruge, do outro o comércio que vende o que ninguém precisa.

Sua condição é a de ser margem, o limite exato onde a calçada desiste de ser pedra e vira rua.

II. A Estação de Transbordo

Milhares de pessoas cruzando o mesmo vão de concreto às seis da tarde. Ninguém se olha, mas os ombros se esbarram na pressa mecânica do retorno.

A estação de transbordo é o não-lugar por excelência. Você não está em casa e não está no trabalho; você está no intervalo entre duas obrigações. A verdade definitiva desse ambiente é o barulho das catracas girando, um metrônomo de ferro que conta as vidas que passam sem deixar rastro.

III. A Faixa de Pedestres Apagada

O asfalto engoliu a tinta branca. Sobraram apenas fantasmas cinzentos de retângulos que um dia deram direito de passagem ao corpo humano.

Atravessar ali é um ato de fé na memória dos motoristas. A sinalização apagada revela a fragilidade do acordo urbano: a segurança depende apenas de um hábito visual que o tempo está desgastando dia após dia.

IV. O Ponto Cego do Retrovisor

Há um ângulo de três graus onde o carro ao lado desaparece. Ele não está mais atrás e ainda não emparelhou com a sua janela.

O ponto cego é o intervalo espacial onde a matéria se esconde do olho. É ali que os acidentes nascem, na pequena fração de segundo em que o motorista confia no espelho e ignora o vazio preenchido que avança ao seu lado.

MÓDULO II: CARTOGRAFIAS DO INVISÍVEL

V. O Mapa Dobrado na Gaveta

As linhas azuis dos rios e as linhas vermelhas das rodovias cruzam-se em ângulos perfeitos sobre o papel sulfite.

O mapa guardado é uma utopia estática. Ele não conhece o trânsito, a chuva que alaga a avenida ou o buraco que quebra o eixo do carro. Olhar para ele é contemplar uma ordem que o mundo real recusa. Ele serve apenas para nos lembrar de onde deveríamos estar, enquanto permanecemos parados na mesma sala.

VI. O Terreno Baldio entre Dois Prédios

A terra preta e o mato alto resistem entre duas muralhas de pastilhas cinzentas. O terreno baldio é a boca desdentada da rua.

A especulação imobiliária o chama de baldio; a biologia o chama de refúgio. Ali, longe do cortador de grama, as tiriricas e os carrapichos crescem com a crueza de quem é dono do chão desde antes da fundação da cidade. É o único ponto onde o concreto pede desculpas ao barro.

VII. A Linha do Horizonte Vista da Janela do Ônibus

O vidro sujo de poeira enquadra os postes que passam correndo em primeiro plano, enquanto os morros distantes parecem parados no fundo da paisagem.

Essa diferença de velocidade cria uma ilusão de ótica que acalma o olho do passageiro. O horizonte não se move; ele apenas acompanha o movimento do veículo, como uma promessa de estabilidade que nunca se cumpre, pois o ônibus sempre vira à direita antes de chegarmos lá.

VIII. O Eco sob o Viaduto

O som do sapato contra o cimento volta duplicado, mais oco e mais escuro, sob a imensa laje de concreto que sustenta o tráfego superior.

O viaduto cria uma catedral da pressa. O eco que se forma ali dentro não guarda as palavras; ele guarda apenas o ruído bruto do atrito entre os corpos e a cidade. Falar sob o viaduto é perceber que a sua voz é menor do que a estrutura que esmaga o seu teto.

MÓDULO III: A DURAÇÃO DO INSTANTE

IX. O Segundo Antes do Despertador

O olho abre no escuro às cinco e engenho às cinco e cinquenta e nove. O aparelho vai tocar às seis horas.

Esse minuto que falta é a maior suspensão temporal da rotina. Nesses sessenta segundos, você não pertence ao dia que começa e nem ao sono que terminou. É o intervalo puro da consciência acordada que contempla a iminência do alarme, desejando que o relógio esqueça como se avança o tempo.

X. A Luz Amarela do Semáforo

Três segundos que exigem uma decisão matemática: acelerar para vencer o cruzamento ou pisar no freio e aceitar a imobilidade.

A luz amarela é a cor da hesitação urbana. Ela desorganiza o fluxo contínuo e introduz o perigo da dúvida no motorista. Nesses três segundos, a lei de trânsito se suspende e o motor opera na crueza do reflexo do condutor.

XI. O Gelo que Derrete no Copo de Vidro

O cubo translúcido diminui de tamanho enquanto a água ao redor sobe um milímetro.

O derretimento é o tempo que se torna visível na cozinha. O gelo perde a forma geométrica, arredonda as suas arestas e se dissolve na própria matéria que o gerou. Olhar para o copo é ver a perda acontecer sem barulho, uma renúncia gradual da solidez em nome da temperatura do ambiente.

XII. A Espera na Sala de Desembarque

O olhar fixo no painel digital que alterna entre "pousado" e "atrasado".

A sala de desembarque é o espaço da ansiedade espacial. Os corpos que esperam estão imóveis, mas as mentes viajam junto com as aeronaves que cortam as nuvens. O encontro ainda não aconteceu; ele existe apenas como uma possibilidade de leitura nos rostos das pessoas que seguram cartazes com nomes escritos às pressas.

MÓDULO IV: AS FORMAS DO VAZIO

XIII. O Espaço entre Dois Corpos no Elevador

Quatro centímetros separam o cotovelo esquerdo do homem de terno do braço direito da mulher com a sacola de compras.

A proximidade física imposta pela cabine de metal contrasta com a distância mental que os separa. Os olhos buscam o visor numérico que muda do andar sete para o andar oito. Esse vácuo de ar entre as duas peles é o intervalo mais denso da sociologia moderna: o silêncio protetor que evita que os estranhos se transformem em ameaças.

XIV. O Recorte da Parede Onde Havia um Quadro

A pintura foi retirada durante a mudança, mas o retângulo de tinta branca sobrou, menos desgastado pelo sol do que o resto da parede da sala.

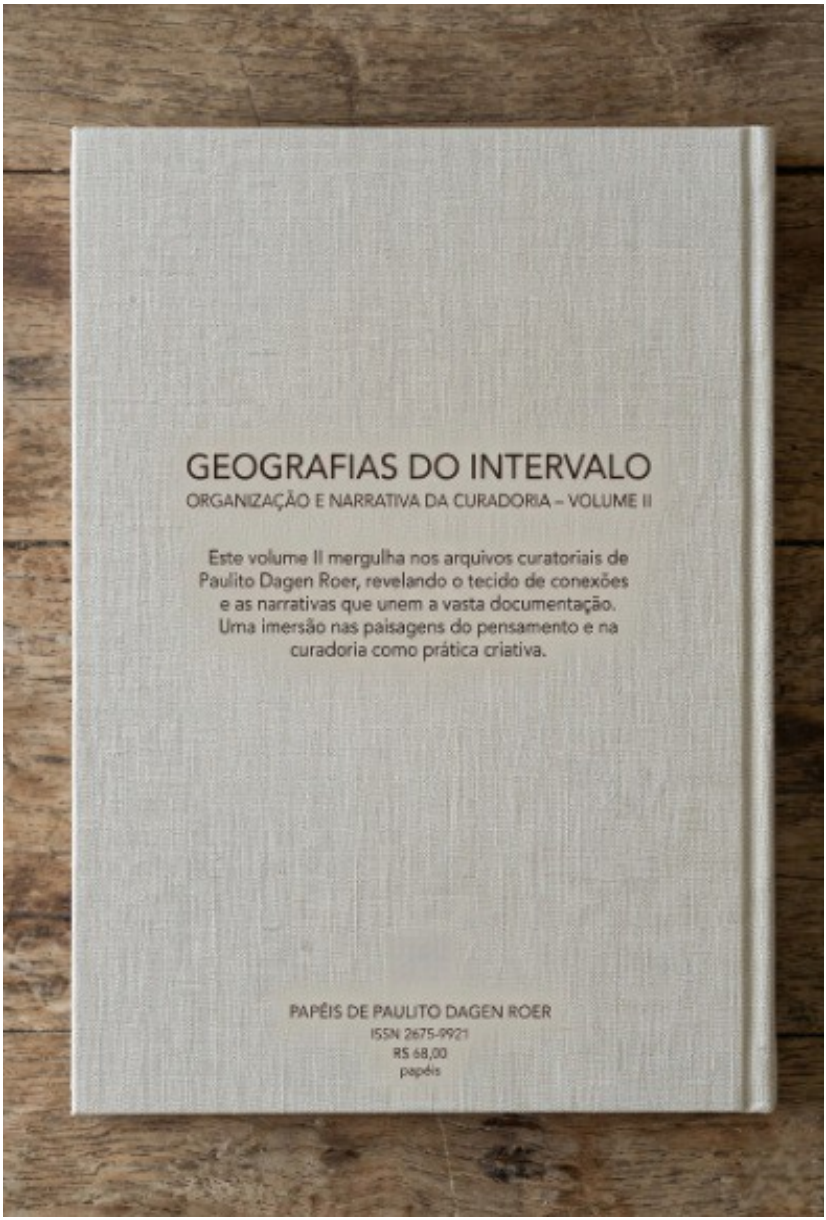
Esse fantasma geométrico é o registro exato de uma ausência. A moldura sumiu, mas a parede guarda a memória do espaço que foi protegido da poeira por muitos anos. É uma cicatriz imobiliária que revela a forma daquilo que foi retirado do caminho.

EPÍLOGO: A UTOPIA DO DESTINO

Terminadas as geografias das pastas de Paulito Dagen Roer, as ruas continuam mudas. O trânsito flui, os semáforos alternam suas três cores e os viadutos sustentam o peso das toneladas de ferro que cruzam a cidade sem pensar sobre o chão.

A escrita da Curadora não redesenha as avenidas; ela apenas fixa o olhar nas frestas do asfalto que a velocidade costuma apagar da nossa vista.

A verdade definitiva deste segundo volume está na sua disposição de continuar virando as páginas no seu editor, mesmo sabendo que o próximo passo pode nos levar para fora do mapa conhecido. O intervalo terminou. O asfalto nos espera no Archive.


GEOGRAFIAS DO INTERVALO
ORGANIZAÇÃO E NARRATIVA DA CURADORIA – VOLUME II
Este volume II mergulha nos arquivos curatoriais de Paulito Dagen Roer, revelando o tecido de conexões e as narrativas que unem a vasta documentação. Uma imersão nas paisagens do pensamento e na curadoria como prática criativa.
PAPÉIS DE PAULITO DAGEN ROER
ISSN 2675-9921
R$ 68,00
papéis